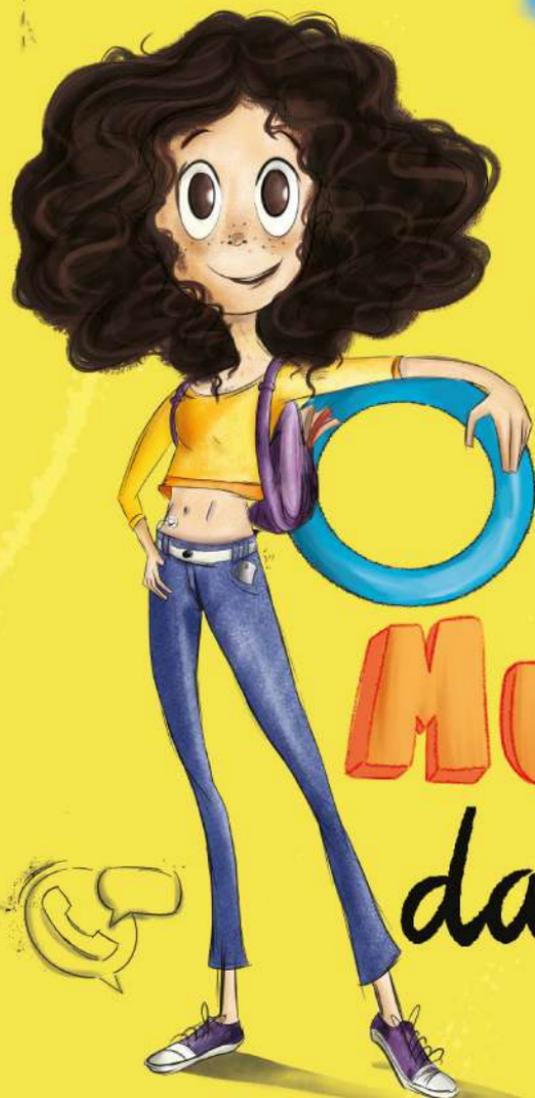




PAULA KLOSE
& TIAGO KLOSE

A história de uma
adolescente diferente
igual a todas
as outras.



ILUSTRAÇÕES:
VANESSA NAMORA CAEIRO



doce.
MUNDO
da Rita



INFLUÊNCIA

1

O quarto estava mergulhado numa escuridão iluminada em tons de azul, vindos do pequeno retângulo para o qual a jovem olhava fixamente, isolada do resto do mundo, imersa na realidade alternativa oferecida pelo telemóvel. Tocou na parte de cima do ecrã para ver as horas. *Quase duas da manhã... Só mais um episódio e vou dormir*, pensou. Rita bebeu mais um gole de água da garrafa pouxada ao lado da cama. Depois bebeu mais um gole, depois mais outro e acabou por beber a garrafa até ao fim. O resto da casa estava em silêncio, apenas ela ouvia em som estéreo os acontecimentos da sua série favorita. Favorita dessa noite ou desde essa noite, não interessava. Já tinha visto os primeiros cinco episódios de seguida, e, assim, podia acompanhar a conversa da sua melhor amiga, a Inês, sobre

a primeira metade da temporada, sem sofrer com *spoilers* vindos da boca dela. *O que será que vai acontecer a seguir? Não posso ver mais... amanhã é dia de educação física, tenho de estar descansada... Preciso de dormir pelo menos quatro horas*, pensou. Já cansada e pronta para o repouso essencial, arrastou-se até à casa de banho, encheu novamente a garrafa de água, e partiu para o último — ou primeiro, depende do ponto de vista — chichi do dia, tão demorado que ia adormecendo.

* * *

Ouviu o despertador a tocar mais uma vez e já tinha perdido a conta às vezes que o tinha adiado por mais cinco minutos. Tentou ganhar forças. *Logo deito-me mais cedo*, prometeu a si própria, enquanto tapava a cabeça com o edredão. Ouvia a voz da mãe a chamar da cozinha:

— Rita! Toca a levantar, está na hora do pequeno-almoço!

Quando se estava a levantar, a mãe entrou com um sorriso de motivação matinal.

— Então, vens ou não? Só te dou boleia se te despachares, senão vais a pé.

A Mena aproximou-se da Rita, beijou-lhe o rosto e olhou-a com preocupação.

— Dormiste bem? Não me digas que estiveste no telemóvel até às tantas?!

— Não, claro que não. Tenho sono, só isso. Vou despachar-me. Hoje tenho educação física ao primeiro tempo e posso ir a pé para a escola, aproveito para aquecer. Vai andando para não chegares atrasada ao trabalho — disse-lhe com um sorriso.

A Rita esvaziou novamente a garrafa de água de litro e meio, de que tinha bebido metade durante a noite, e depois saiu para a casa de banho, a cantarolar, escovando os caracóis negros e fortes. Tentou domá-los num rabo de cavalo, mas rapidamente desistiu, cansada da noite curta, e optou por levar o cabelo solto para simplificar. Tomou um pequeno-almoço rápido e saiu para mais um dia.

À porta da escola estava a confusão habitual das manhãs: carros estacionados em segunda e terceira fila, deixando crianças de todos os tamanhos; estudantes a atravessarem a pé por entre o trânsito caótico, alguns atentos aos carros, outros confiando que os condutores tivessem cuidado e algumas bicicletas e motos conduzidos pelos mais crescidos e independentes. Ouviam-se buzínadelas curtas,

alertando os mais distraídos. Do lado de dentro do portão, os alunos iam-se aglomerando em grupos. Rita viu o seu grupo, composto por uma única pessoa, a Inês, e foi ter com ela, enquanto acabava de comer uma banana.

— Bom dia, BFF! — disse a Rita, mastigando.

— A sério?! Não te ensinaram que não se fala com a boca cheia?! — perguntou a Inês, a rir.

A Rita engoliu demonstrativamente o resto da banana.

— Estava com fome.

— Para variar! Estás sempre a comer e não engordas — respondeu a Inês, invejando a barriga lisa da melhor amiga.

— Sabes que faço muito desporto, e também tenho bons genes. Na minha família não há gordos... só uma tia da minha mãe, mas essa nem conta! Não há nada que ela não tenha. Parece que encheu o cartão do bingo das doenças!

Enquanto riam, alegres e cambaleantes, ouviram o toque da entrada e apressaram o passo. Nem deram por um rapaz a virar-se para ir na direção oposta, esbarrando com a Rita, que disfarçou a atrapalhão, ao ver quem era.

— Desculpa, Rita, não te vi — disse o Gonçalo.

A Rita suspirou. *É esse o problema, mas pelo menos sabe o meu nome...*

— Não faz mal — respondeu, envergonhada.

A Inês aproveitou a cena para imitar a Rita a balbuciar, depois de o Gonçalo ter seguido caminho.

— «Não faz mal! Podes esbarrar comigo sempre que quiseres!» — provocou a Inês, divertida.

— Goza comigo, goza. Já não me basta ser invisível — disse a Rita, desanimada. Continuou, depois, em tom desafiante:— Eu já dou cabo de ti na aula de educação física.

* * *

Acabaram por ficar na mesma equipa no jogo do mata, por isso a Rita não pôde cumprir a promessa; e o pior foi que não estava a conseguir dar cabo de ninguém. Com um salto a deslizar rente ao chão, a Rita desviou-se de mais um tiro. A sua equipa estava a ser dizimada e os adversários podiam agora dedicar-se exclusivamente a ela. Estava sozinha, sem apoio, a ter de dar a volta por cima. Pelo pavilhão vazio ecoavam os sons da bola a bater no chão e a passar de mão em mão, do guinchar de dezenas de sapatilhas, das indicações

esquizofrénicas da professora Gabriela, que não tomava partido.

— Façam-na correr! Cansem-na!... Rita, não desistas! Concentra-te na bola!

Havia muitos incentivos de parte a parte. Tentava só ouvir os que vinham da sua equipa trucidada, meia dúzia de raparigas a puxar do lado de fora do campo.

— Rita, coragem!

— És a maior!

«*Mesmo quando parece que estás sozinha, procura e verás que há quem te apoie.*» Esta frase estava apenas dentro da cabeça da Rita, recordação da avó Idalina. Procurou e escutou. Os gritos de apoio vindos da sua equipa, à espera, davam-lhe força. Muita força. Quase a única força que lhe restava. Já não conseguiria desviar-se muitas mais vezes, teria de tentar intercetar a bola para ter alguma hipótese; as regras do mata são assim, há que aceitar e seguir. «*Tu consegues, Rita*», agora os gritos de apoio vinham de dentro; há vozes que ouvimos para nosso bem.

A Joana tinha a bola, a Rita focou os seus olhos nos olhos dela, dois pontos verdes que a seguiam para todo o lado, um gato no escuro, pronto a atacar. Sempre a manter a distância, a Joana avançava,

a Rita recuava, movimentos em espelho. Sincronizadas e com objetivos opostos. De repente, a Rita deixou de se conseguir concentrar, como se fosse uma mosca a passar-lhe pelos olhos, estava tudo turvo... Só sentiu a bola a bater no joelho esquerdo. *Priiiiii*, soou o apito da professora.

— Bom esforço, Rita, mas perderam — concluiu.

As palavras da professora Gabriela foram como um murro no estômago e doeram mais do que a bolada no joelho. Era apenas um jogo, só mais uma aula, mas a Rita sabia que bom é fazer aquilo de que se gosta. E ela gostava muito mais de ganhar do que perder e o que mais queria era desforrar-se da Joana, que se aproximava pronta a lançar uma boca:

— Ainda te falta muito para chegar ao meu nível.

A Joana disparou esta tirada em tom trocista, como uma atiradora furtiva, e seguiu o seu caminho sem que a Rita conseguisse reagir.

Sim, a desforra tinha de vir e depressa. Pior, muito pior do que perder, é que tinha sido a arrogante da Joana a decidir o jogo. *Sim... o que foi aquilo?...* esse último tiro que a Rita nem vira partir...

Estava tudo bem, eu sabia que ia conseguir agarrar a bola. Mas depois... ficou tudo borrado. Foi uma mosca a entrar-me nos olhos? Raio da mosca minúscula, que me cegou e depois desapareceu... Coisa mais estranha! Deve ser amiga da Joana. Até poderia ser um minidrone, um cibermosquito, mas a Joana não tem cabecinha para uma coisa dessas... Ela teve sorte. E eu azar.

Estes pensamentos flutuavam na cabeça da Rita, que já estava debaixo do duche morno, de olhos fechados e de boca aberta, bebendo a água que saía do chuveiro. O jogo tinha sido intenso, ela estava mesmo cheia de sede. Não se lembrava de alguma vez lhe ter sabido tão bem beber água. Tinha um sabor quase doce, sentia uma imensa satisfação com cada gole. Sôfrega, quase que bebia mais água do que aquela que lhe caía no corpo. Enquanto pensava que já chegava, dava pela boca a ceder à sede, sem parar, sentia-se um camelo a beber até encher as bossas. Quando saiu do duche, estava com a barriga cheia de água, quase a explodir.

Ao vestir a roupa percebeu que não estava gorda, mesmo depois de tanta água. *Que alívio!*, pensou. As calças, mesmo depois de fechadas, ainda tinham espaço. *Engraçado, ainda há umas semanas estavam a começar a ficar apertadas. E tenho continuado a*



comer tudo o que me aparece à frente... Que parva, aqui a queixar-me de comer e não engordar! Sou uma sortuda! Realmente estava magrinha, via os abdominais marcados na barriga, estava mesmo em forma. Sorriu. Ao menos uma boa notícia depois da derrota contra a Joana na aula de educação física... E a Rita lá seguiu, com um sorrisinho nos lábios secos, para o intervalo de almoço.

— Estava a ver que nunca mais saías do duche, Rita. Até fui lá ver se te tinhas afogado, mas estavas era a afogar as mágoas com a água morna. A beber aquela água toda, a sério? A escola ainda vai à falência à tua conta.

— Que piada, Inês. Uma pessoa já não pode relaxar um pouco depois de ser a única da equipa a fazer alguma coisa de jeito?

— Só se achares que ficar parada a olhar para a Joana como um coelho encandeado pelos faróis de um carro é algo de jeito. O que é que se passou, ó amarguinha, esqueceste-te de como se joga?

— Que mania de matar os animais nas metáforas, Inês! Coitado do coelhinho! E não me chames amarguinha, sabes bem que sou um doce de pessoa! Nem eu sei o que se passou, só sei que deixei de ver bem, não vi a bola. Foi mesmo estranho.

— Estranha, sim, és. Agora doce? Não sei...

A Inês observou a Rita, que saltitava de pé para pé.

— Olha lá, que dança é essa? Tens de ir à casa de banho?

— Sim. Vai pedindo o meu almoço, pode ser? Vê se a dona Leonor me serve uma dose extra. Estou cheia de fome.

A Rita sprintou para a casa de banho, com o duplo mal-estar de ter a bexiga a rebentar e o estômago a berrar de fome. Enquanto o primeiro destes órgãos se esvaziava, ela pensava que quem a tivesse visto a correr para a casa de banho sozinha acharia que estaria a romper com o código de as adolescentes irem à casa de banho aos pares. E de como era injusto de falarem desse código, quando os rapazes também iam sempre em grupo.

Parece que vão fazer um concurso de pontaria. Filosofia do chichi; que apropriado, porque isto nunca mais acaba. A adolescência é tramada. Deve ser das hormonas, anda tudo a fugir de mim. Até a água que bebo passa por mim a correr e sai em minutos.

Enquanto lavava as mãos, olhou para a água a correr, sentiu o fresco e não resistiu à tentação. *Mais água, mais água, afoga a sede, não pares de beber.* Rita

sentiu a voz interior a fazer de claque enquanto tentava saciar a sede. Um litro, dois litros, o depósito estava cheio. Ao secar a boca, olhou-se ao espelho e viu outra vez tudo turvo, como se estivesse a mergulhar na água, em vez de a ter bebido.

— Que dia estranho... — murmurou.

* * *

Quando chegou ao refeitório, a Inês já estava sentada à sua espera.

— *Iêêê*, esparguete com atum!!! Obrigada, BFF, o que seria de mim sem ti?

— Uma esfomeada presa na fila do almoço atrás da Joana — respondeu a Inês a rir, enquanto revirava os olhos em direção ao balcão da cantina.

— Não, por favor, não. Ninguém merece, nem eu! Agora somos só tu, eu e o esparguete! — disse a Rita, e começou a almoçar com entusiasmo, devorando os fios de esparguete e os farrapinhos de atum com molho de tomate.

— A devorar assim a comida ainda te engasgas, sua trituradora — lançou a Inês, a rir.

— E que animal é que vais acusar a trituradora de matar?

— Com esse teu apetite, acho que um elefante...

— Cuidado... com essas tuas orelhas ainda me baralho e como-te, minha *Dumba*. Lembra-te de que quem jogou fui eu, tu ficaste logo de fora do jogo!

* * *

A picardia continuou num pingue-pongue, garfada após garfada, com a Rita a devorar mais uma dose de esparguete, duas bananas e uma maçã. Graças à D. Leonor, que, chocada com o espeto que a Rita estava, insistia: «Precisas de comer, tu estás a desaparecer. Toma lá mais uma frutinha, que se não comeres vai para o lixo. Ai, rapariga, como tu estás magrinha. Tens de te alimentar, senão os rapazes não vão ter onde te pegar!»

— A dona Leonor adora armar-se em mãezinha. Mas ela tem razão, estás supermagra.

— E tu estás com inveja da minha beleza. Estou magra, mas olha que ando sempre a comer. Tenho andado com uma fome daquelas. Devo ter genes mesmo bons!

— Odeio-te. Eu engordo do ar e tu emagreces da comida?! A vida é mesmo injusta!

A Rita olhou para a Inês, de sobrolho levantado, e boca em forma de «a sério». Mesmo sem palavras, a Inês percebeu que a sua melhor amiga, realmente mais magra e atlética, lhe estava a dizer «tem juízo», por via quase telepática.

— Não te chega ser mais gira e mais inteligente que eu, é isso? — acrescentou a Rita.

— Vamos à biblioteca antes da próxima aula? Tenho que devolver o último livro que levei — atirou a Inês, mudando de assunto.

— OK, mas primeiro preciso de ir à casa de banho antes das aulas da tarde.

— Outra vez?

— Bebi muita água e estou aflita.

— Tu não estarás doente? Tipo, com uma bicha-solitária que anda a comer e beber na tua barriga?

— Não sejas nojenta, Inês!

— Estava a brincar, mas é estranho. Ainda há quinze minutos foste à casa de banho e agora estás outra vez à rasca. E estás sempre a beber água.

— Para quem gosta tanto de animais, devias compreender que eu sou como o beija-flor, que bate as asas tão depressa que precisa de beber muita água para não pegar fogo. E, como sabes, o que entra, tem de sair. Agora tenho de ir, estou mesmo aflita.

O beija-flor Rita levantou-se e foi a voar pelo corredor. Sentindo a bexiga a rebentar, quase que saltou para a casa de banho e, já a ficar aliviada, sentiu que continuava com sede. Seria normal, certamente, só pode, depois de quase ter devorado um elefante. *Um beija-flor que devora um elefante, ihihih*; a Rita sentia-se com superpoderes. E super-renovada. E supertonta. Nem percebeu bem o que se passou a seguir.

O que valeu à Rita é que a Inês entrou com o estrondo que ouviu. Um corpo quando cai no chão faz um barulho seco, o peito cheio de ar faz de caixa de ressonância, e a cabeça da Rita ainda foi acolchoada pelos seus caracóis e pelos braços que souberam amortecer a queda. A Inês viu a amiga no chão, gritou de susto e depois gritou novamente, para pedir ajuda, enquanto lhe pegava na cabeça e tentava acordá-la. Rodeada de mais colegas que apareceram para ver o motivo do alarido, a Inês aguardou, o que lhe pareceu uma eternidade, pela ambulância que levou a Rita, acompanhada pela diretora da escola, a stora Marta, para o hospital.

Triste por não poder ir com a Rita, a Inês seguiu para as aulas da tarde sem a melhor amiga, numa tarde interminável com todos os colegas

preocupados. Todos, exceto a Joana: «Que fraquinha, ficou exausta de um joguinho de treino.» O stor Duarte, diretor de turma e professor de biologia, sensível aos acontecimentos, adaptou a matéria do dia, juntando ao programa da aula algumas explicações sobre o que se passa no organismo quando uma pessoa perde os sentidos, falou dos motivos mais comuns dos desmaios, e explicou como posicionar a pessoa desmaiada — e como o mais perigoso é baterem com a cabeça e magoarem-se a sério.

— Ainda bem que a Rita tem aquela trunfa toda!
— gozou a Joana, para logo a seguir não colher mais que um ou dois risos isolados, abafados pelo silêncio e por olhares de censura dos muitos amigos da Inês. Mais ninguém, além dela, estava com disposição para piadas.

* * *

A Rita estava longe destes acontecimentos, de corpo desmaiado e mente dormente, despertando lentamente. Um raio de luz baça passou-lhe pela pálpebra entreaberta. Sentiu uma dor de cabeça a alastrar-se pelo corpo todo. Tubos no braço,

outros inseridos nas costas da mão, autocolantes por todo o lado — nos braços, no peito, na barriga, — números a piscar em máquinas à sua volta, apitos ritmados que pareciam um despertador interminável.

A Rita abriu mais os olhos para absorver um cenário que já vira em séries de médicos, tentando perceber qual a distância do que estava a ver para a realidade ou para um pesadelo. Sentia-se a meio caminho entre os dois cenários, tinha um sabor estranho na boca, um sabor a fruta, e continuava cheia de sede. E sentiu medo, por não perceber onde estava, presa por tubos e fios, sem saber se se poderia mexer. Enquanto conversava com a sua cabeça dorida, ouviu a porta a mexer. Olhou, à espera que entrasse alguém conhecido, os pais, a Inês, ou então um monstro a provar que estaria mesmo num pesadelo. O que viu foi uma pessoa pequena de bata verde, qual bonequinha de hospital. Seria ilusão da pedrada com que se sentia?

— Olá, Rita — cumprimentou, sorridente.

— Olá... O que é que me aconteceu? — conseguiu soltar a Rita, a medo.

— Nada de especial. Tens diabetes — disse-lhe, ainda a sorrir.

2

A ssociar a palavra «diabetes» com a expressão «nada de especial» soou muito estranho à Rita. Pôr um carimbo de doente assim, a frio, e de seguida esvaziar a carga que traz e apagá-lo como se fosse feito de tinta mágica. E ainda por cima, esta doença. «Diabetes, a epidemia silenciosa», como já ouvira o stor Duarte chamar-lhe, sintoma dos tempos de abundância de comida, sofás confortáveis e de ter tudo à distância de um clique. *Tenho diabetes? Diabetes?! Como assim? Tenho 14 anos. Sou magra. Faço desporto! Não faz sentido!* Os pensamentos berravam, mas a boca estava fechada em forma de ponto de interrogação. Nada era silencioso, esta doença já lhe estava fazer muito ruído na cabeça.

— Chamo-me Andreia. Sou enfermeira aqui — apresentou-se a pequena pessoa à Rita. *Enfermeira?*

E entras aqui a dizer que tenho uma doença dos velhos gordos? Deve ter-se enganado na porta, só pode! Rita continuava a observar a enfermeira, que falava:

— Não devia ter dito que tens diabetes assim, mas é que eu acho mesmo que não é nada de especial. Tu já tens 14 anos, bateste com a cabeça na escola e acordaste aqui... É melhor dizer-te logo o que se passa, em vez de tentar esconder, não achas?

As palavras da enfermeira, como que aplicando diluente metafórico para apagar o carimbo de doente na testa dela, não convenciam a Rita. *Esta figurinha deve estar a brincar! Diz-me que tenho diabetes. Claro que estou preocupada. E dói-me a cabeça. E quero o meu telemóvel!* Não se chama figurinha em voz alta, por isso a Rita não dizia nada do que lhe passava pela cabeça, continuando silenciosa. Recordava-se dos últimos momentos antes de acordar no hospital, de estar na escola, de estar a almoçar com a Inês... *Onde está ela? E a mãe e o pai? Será que sabem? Devem estar loucos de preocupação...*

— Vieste acompanhada pela diretora da escola. Foi ela quem fez a tua entrada e está lá em baixo à espera dos teus pais, que já vêm a caminho, não te preocupes — disse a enfermeira com um sorriso.

A resposta da enfermeira ao que estava a pensar depositou mais uma camada de estranheza a este despertar. Ou seria uma pista que solucionaria esta situação bizarra? Será que era tudo um pesadelo? Ela realmente tinha batido com a cabeça, afinal estava a doer-lhe. *E agora a enfermeira que me diz que tenho uma doença de velhos responde aos meus pensamentos?! Nããã!*

— Imagino que estejas confusa, mas eu estou aqui... Quero dizer, nós estamos aqui para te ajudar. Se quiseres falar, estás à vontade, OK?

Eu, nós, que diferença faz? Isto é demasiado, não aguento, tenho de falar, isto não pode ser. E se bem pensou, melhor o fez, deixando transparecer a preocupação com que estava.

— Diabetes? Aquela doença dos velhos? E dos gordos? Eu tenho 14 anos, faço desporto, sou magra. Isto não faz sentido!

As palavras saíram da boca da Rita e ela do seu mundo, ao mesmo tempo que se começava a beliscar para acordar. Sem resultado. *Au, isto dói mesmo!*

— Tens uma voz tão bonita, Rita. É normal que estejas confusa e com muitas dúvidas, mas a diabetes tem várias formas. A tua é a mais democrática, ataca todos por igual.

A Rita sentiu a enfermeira hesitar.

— Quer dizer, a diabetes não ataca. Ela... aparece! Ou será que apenas surge?... Já sei, ela faz uma visita. E, quando visita, não quer saber se és gorda ou magra, se comes hambúrgueres e pizzas ou se és vegana, se corres maratonas ou se apenas passas o dia deitada no sofá a mexer no telemóvel. Vem sem convite e depois... não se vai embora. Mas ainda bem que gostas de desporto, estou cansada de jovens preguiçosos que passam a vida em frente aos ecrãs.

Cada frase, brusca ou inócua, dita pela enfermeira Andreia parecia vir pontuada por um sorriso seu. A Rita sentiu-se a sorrir em resposta a tanta estranheza.

— Gosto mesmo de desporto, sim... Mas...

A enfermeira Andreia sentou-se ao lado da Rita, com a mão em cima do seu ombro.

— Estás a pensar se podes continuar a fazer desporto, não é?

A Rita acenou que sim, contendo as lágrimas. Estava tão confusa, tão perdida, tão desorientada... As máquinas à sua volta continuavam a apitar.

— Não só podes, como deves.

A Rita sentiu um ligeiro alívio no meio de tanto medo.

— Deixa-me tentar explicar. É um pouco como usar óculos: podes fazer tudo como dantes, só que com outros cuidados.

— Para não partir os óculos? — perguntou a Rita, a rir, entre lágrimas de tristeza e de alívio.

— Exato. E para veres bem o mundo à tua volta.

A Rita tentou ver bem o mundo à sua volta. Olhou para o quarto onde estava, em tons de azul-bebé com um risco branco a toda a volta em que pululavam desenhos de animais, e depois observou bem a enfermeira Andreia. Não deveria ter mais de 30 anos, quase que poderia passar por sua irmã mais velha, se não fosse o cabelo. Em vez da farta cabeleira morena que tanto trabalho dava à Rita domar, a enfermeira Andreia tinha uns longos e finos cabelos louros dourados. Mas os olhos castanhos eram tão redondos e abertos quanto os da Rita, um pouco mais rasgados nos cantos, igualmente aconchegantes na sua escuridão. A Rita sentiu-se ficar mais séria e perguntou:

— Acha mesmo que tenho diabetes? Não pode ser engano?

A enfermeira Andreia fez-lhe uma festa na cabeça, enterrando um pouco a mão nos caracóis da jovem. Em silêncio, fixando os olhos da Rita,

tentou transmitir com calma a sua convicção de que a diabetes não era nada de especial.

— É normal que prefiras que seja um engano. É sempre melhor não termos doenças.

— Eu nunca estive doente... — balbuciou a Rita, desviando o seu olhar da enfermeira. Espreitou, cabisbaixa, na direção da porta, desejando que se abrisse, que entrassem os pais ou a Inês. *Preciso de vocês, quando é que chegam?* A porta continuou fechada.

A Rita limpou as lágrimas, que teimavam em escorrer-lhe pelo rosto. A enfermeira Andreia estendeu-lhe um lenço de papel e reconfortou-a:

— O que posso prometer é que estás em boas mãos. E que há muitos mais jovens como tu, que vivem a sua vida sem limitações. Só aqui em Portugal há cerca de três mil adolescentes e crianças com o teu tipo de diabetes e muitos, muitos mais milhares de jovens e adultos. Há uns que são enfermeiros, outros médicos, até temos uma doida que corre maratonas pelo mundo fora!

» — Vou ver se os teus pais já chegaram. Tenta descansar, daqui a pouco a doutora Fátima vem ver-te. Prepara-te... ela é... — a enfermeira hesitou — interessante. Se puderes, não lhe fales desta

nossa conversa. Esta minha abordagem é um pouco alternativa.

A enfermeira afastou-se, em direção à porta, quando a Rita a chamou:

— Enfermeira Andreia, espere. O meu telemóvel?

— Está guardado com as tuas coisas, eu já peço para to trazerem.

A Rita continuava sem ter a certeza de estar bem desperta, a ansiedade estava agora mais dormente e até sentia uma espécie de esperança. Tinham sido uns minutos diferentes com esta enfermeira. Viu-a afastar-se, *crocs* brancos nos pés, passo ante passo, farda verde com dinossauros coloridos e um estranho fio transparente a espreitar da cintura e a desaparecer nas calças. *Deve ser alguma maquina de enfermeira...*, pensou, enquanto descansava a cabeça na almofada.

Pensou na amiga Inês e nos pais. Como é que o pai iria reagir ao saber que ela tinha uma doença? Sempre preocupado com a sua princesa, custava-lhe aceitar que ela gostasse tanto de desporto e que se pudesse lesionar. *Doença...* A Rita lembrou-se de que ela tinha mesmo uma doença. E a mãe? Ficaria ainda mais preocupada do que o normal? Quando falava da tia da aldeia, a tia Assunção, a dos bicos de

A Rita é atlética, forte e ágil... mas quando a diabetes entra na sua vida, ela não sabe como reagir.

Em plena adolescência, a Rita sofre com a pressão da escola, dos pais e a indiferença do Gonçalo, o seu crush. Um dia, desmaia nas aulas, é levada ao hospital e descobre que tem diabetes tipo 1.

Como é possível isto acontecer se ela é desportista e super-magra? E agora? Dar insulina, controlar a glicemia, contar hidratos... é muita coisa nova!

Com o passar dos dias, a Rita sente-se observada por todos: médicos, professores e colegas. Para piorar tudo, o pai está mais controlador do que nunca, a mãe parece indiferente e a Inês, a sua BFF, não sabe lidar com a «nova» Rita. Sentindo-se sozinha e incompreendida, a última coisa que a Rita quer é ser vista como uma doentinha, acabando por se refugiar nas redes sociais, em busca de novos amigos e de outros caminhos.

Será que novos amigos podem ajudá-la com esta nova realidade? E o que farão os pais, a Inês e até o Gonçalo para a ajudar? Entre as dúvidas e a coragem, a Rita vai descobrir o caminho para ultrapassar os desafios que a diabetes lhe coloca.



INFLUÊNCIA

um outro olhar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-231-1

12+



9 789895 642311

Literatura Juvenil